

ORALIDADE E FLUÊNCIA LEITORA NA PRÁTICA ALFABETIZADORA: DESAFIOS NO ENSINO REMOTO

Alcione Soares Moreira¹

Josefa Edna Trajano da Silva²

RESUMO

Esta pesquisa é fruto de um trabalho realizado em aulas remotas no período de pandemia causado pela COVID-19 e tem como objetivo relatar a trajetória de organização da prática pedagógica de professores que atuam em turmas de 1º ao 3º anos do Ensino fundamental de uma escola Pública Municipal em Araruna/PB, visando auxiliar os alunos no processo de aquisição das habilidades essenciais para alfabetização, tendo como base a fluência leitora e consequentemente a escrita autônoma e a diminuição do impacto causado pelo distanciamento da sala de aula, além de manter de “certa forma” os vínculos intelectuais e emocionais dos estudantes e da comunidade escolar. Para respaldar esta didática, nos embasamos em alguns aportes de documentos oficiais como a BNCC que é o documento que define as aprendizagens essenciais, as quais os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica, para então obtermos um alinhamento teórico e corroborar com as premissas aqui elegidas, além das contribuições de estudiosos da área de alfabetização e letramento por meio da pesquisa bibliográfica. É uma pesquisa de natureza qualitativa, pois pretende contribuir com a ampliação das capacidades de oralidade e fluência leitora na prática no decorrer do processo de alfabetização remota.

Palavras-chave: Alfabetização, Oralidade, Fluência Leitora, Ensino Remoto.

1- INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização em si é desafiador, por causa dos diferentes níveis de leitura e escrita que encontramos numa mesma sala de aula, isso em se tratando de um ano letivo peculiar, mas, quando olhamos para o processo educacional num período pandêmico, especificamente iniciado em 2020, esse desafio se torna ainda maior. Alfabetizar durante o período de ensino emergencial remoto exigiu repentinamente do professor a reinvenção de métodos e estratégias para contornar as dificuldades, como a questão do acesso a internet e equipamentos tecnológicos para possíveis aulas virtuais síncronas; e esse despreparo não foi somente dos alunos, o professor também está incluso neste processo.

¹ Pedagoga e Especialista em Tecnologia educacional/Ciências Naturais, professora alfabetizadora efetiva da Rede Municipal de Ensino – Araruna/PB. alcionesmpb@gmail.com;

² Pedagoga e Especialista em Neuroaprendizagem e Práticas Pedagógicas, professora efetiva da Rede Municipal de Ensino – Araruna/PB; ednatrajano_pb@hotmail.com;

Foi um turbilhão de coisas ao mesmo tempo, publicação do Decreto Legislativo nº 6 de 2020 em 20 de março, que abordou o estado de “Calamidade Pública” em virtude da pandemia da COVID-19, algo assustador por se tratar de uma doença totalmente desconhecida até então, e um termo muito forte que deixou todos em alerta quanto à importância do decreto e suas implicações diante da situação pandêmica. Em seguida foram aulas suspensas, escolas fechadas numa tentativa de preservar a saúde de estudantes, funcionários e também das famílias, foi uma medida de afastamento social preventiva tomada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e autoridades competentes para tentar restringir a disseminação comunitária e frear o avanço da COVID-19 no Brasil.

Não estávamos preparados, (e ainda não estamos), fomos pegos de surpresa e isso nos trouxe desafios em meio ao caos, incertezas, medo, pânico... Muitas mudanças na rotina e na vida de todos! Medidas emergenciais precisavam ser tomadas, assim orientações sobre as atividades pedagógicas não presenciais a serem desenvolvidas pelas instituições escolares foram descritas no *Parecer CNE/CP nº 5/2020*, referente à reorganização do calendário e de organização da trajetória escolar, reordenamento curricular entre outras informações necessárias ao prosseguimento dos trabalhos pedagógicos.

Neste ínterim, também é importante citar a Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020 que estabelece as Diretrizes Nacionais orientadoras dos sistemas de ensino e delimita normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos mesmos sistemas, instituições e redes escolares; Em sua “Seção V” define as atividades pedagógicas não presenciais na Educação Básica como, “conjunto de atividades realizadas com mediação tecnológica ou por outros meios, a fim de garantir atendimento escolar essencial durante o período de restrições de presença física de estudantes na unidade educacional”. Essa certamente é uma valiosa intenção de evitar um aumento exorbitante das desigualdades, da evasão e da repetência, assim o ensino remoto é um meio emergencial para que famílias e estudantes não percam o contato com a escola e não haja retrocessos em larga escala, no desenvolvimento de nossos alunos. Assim, o que fazer a partir de então para garantir atendimento educacional essencial, manter o vínculo escolar e desenvolver aprendizagens prioritárias?

Diante da realidade vivenciada, este trabalho objetiva relatar a trajetória de organização da prática pedagógica de professores que atuam em turmas de 1º ao 3º anos do Ensino fundamental de uma escola Pública Municipal em Araruna/PB durante o ensino

remoto emergencial, visando auxiliar os alunos no processo de aquisição das habilidades essenciais para alfabetização. Pensando nas crianças em casa, muitas sem recursos tecnológicos para acompanhar aulas online, os professores desta etapa de escolaridade juntamente com a coordenação pedagógica que ora relata esta experiência, buscou traçar procedimentos de ensino para amparar a aprendizagem significativa dos alunos, que mesmo em casa, possa favorecer o desenvolvimento progressivo entre a oralidade e fala, tendo como base a fluência leitora e conseqüentemente a escrita autônoma e a diminuição do impacto causado pelo distanciamento da sala de aula, além de manter de “certa forma” os vínculos intelectuais e emocionais dos estudantes e da comunidade escolar; Tal habilidade foi discutida pelos docentes das turmas de 1º ao 3º anos e escolhida como uma das aprendizagens prioritárias para apropriação do SEA - Sistema de Escrita Alfabética e consolidação do processo de alfabetização no ensino remoto.

Para guiar esta didática, a BNCC - Base Nacional Comum Curricular – nos orienta que os trabalhos com oralidade “*compreendem as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face*”. (BRASIL, 2018, p.76); Neste mesmo contexto diz respeito à leitura/escuta – compartilhada e autônoma,

“é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (BRASIL, 2018, p. 70).

Em face do ensino remoto, vemos a possibilidade de trabalhar atividades para auxiliar na fluência leitora, onde muitos pensaram que esta proposta seria inexecutável por causa da ausência de interação pessoal, para tanto a parceria com a família é imprescindível, pois o professor estará adentrando o ensino em casa e neste processo todos se envolvem; de encontro a esta perspectiva MARCUSCHI 2010 diz que,

A alfabetização pode dar-se, como de fato se deu historicamente, à margem da instituição escolar, mas é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio das habilidades de ler e escrever. (MARCUSCHI, 2010, p. 21).

É importante frisar mediante a fala do autor acima, que nada substitui a ação mediadora do professor, as atividades não presenciais junto às famílias são de orientação e organização de uma rotina diária.

Portanto, visto que a oralidade é uma prática social que envolve o uso da fala como elemento linguístico e que apesar da ausência de contato com os alunos para melhor perceber as diferenças individuais nessa habilidade, entendemos que ampliar as capacidades de

fluência leitora permitem uma leitura sem embaraço e sem dificuldades, foi por isso que norteamos o fazer pedagógico por meio de atividades criativas em sequências didáticas, para nos ajudar a desenvolver a fluência leitora e incentivar os alunos a ler de forma sistemática durante o período de ensino remoto.

Para respaldar esta didática, nos embasamos em alguns aportes de documentos oficiais como decretos, parecer, resoluções, contribuições de estudiosos da área de alfabetização e letramento, e principalmente a BNCC que é o documento que define as aprendizagens essenciais, as quais os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica, para então obtermos um alinhamento teórico e corroborar com as premissas aqui elegidas.

2- METODOLOGIA

Este trabalho se deu mediante a realização de um projeto de ensino elaborado em conjunto com um grupo de professores que atuam em turmas de 1º ao 3º anos de uma Escola Pública no Município de Araruna/PB, durante o período de pandemia da COVID-19 no segundo semestre de 2020, sob a orientação pedagógica da autora deste artigo. Durante a construção e realização deste trabalho na prática, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2008, p.69) *“é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.”* Assim, tomamos como base livros, artigos e ainda documentos normativos que tratam sobre o tema para embasarmos a pesquisa ora apresentada. A qual também é de natureza qualitativa, pois pretende contribuir com a ampliação das capacidades de oralidade e fluência leitora na prática no decorrer do processo de alfabetização remota.

3- REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Uma breve reflexão sobre o processo de Alfabetização

É certo que a alfabetização é um processo em constantes debates e permeado por frequentes atualizações, assim é preciso considerá-lo como permanente, ou seja, se estende por toda a vida e como afirma Soares (2017) *“não se esgota na aprendizagem da leitura e da escrita”*.

A luz das pesquisas de SOARES (2017) em sua obra que trata sobre “Alfabetização e Letramento” é preciso que saibamos diferenciar o processo de *aquisição* da linguagem (oral e

escrita) de um processo de *desenvolvimento* da linguagem (oral e escrita), este último nunca é interrompido. Desta forma, alfabetização em seu sentido próprio é “*processo de aquisição do código escrito, das habilidades da leitura e escrita.*”, (SOARES, 2017, p. 16). Neste pensar, as habilidades de leitura e escrita são ampliadas pela inserção do indivíduo na cultura letrada, e de sua participação autônoma na vida social, permeada principalmente pela oralidade; Para MARCUSCHI (2001, p.64) “*A oralidade é uma prática social no uso da língua, enquanto a fala seria a forma assumida pela expressão oral*”, considerada como elemento linguístico - materialidade linguística, e em certas práticas de oralidade, funciona de determinados modos/gêneros.

Paulo Freire (1985) afirma que o processo de alfabetização se caracteriza no interior de um projeto político, garantindo o direito a cada estudante de afirmar sua própria voz, para o autor,

A alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...). A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. (FREIRE, 1985, p. 14).

Na visão de FREIRE o conceito de alfabetização possui um significado abrangente, vai além do domínio do código escrito, que, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade”. Assim, entende-se que a aprendizagem/desenvolvimento da linguagem acontece de diversas maneiras, sendo um processo complexo, principalmente num período de isolamento social, exige metodologias diferenciadas e facilitadoras para práticas leitoras criativas, participativas e dialógicas.

3.2 Oralidade e fala na fluência leitora no processo de Alfabetização

Muitos autores tratam sobre oralidade e fala de variadas formas na área da linguística, mas recorreremos a MARCUSCHI (2001), que estabelece uma definição para cada uma das modalidades da língua e com quem corroboramos:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2001, p.25).

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se na oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano (...) (MARCUSCHI, 2001, p.25).

A partir destas postulações, é possível perceber que há uma relação intercambiável entre essas duas práticas sociais. Desta feita, entendemos que a fala é uma expressão mais espontânea. Já a oralidade pode ser aprimorada ao ser adquirida e desenvolvida. O que ainda é dada pouca ênfase na prática pedagógica, apesar da BNCC a constituir como objeto de ensino. Esta prática social interativa da língua é, portanto, a nosso ver, pensada, organizada previamente e, por conseguinte, mais planejada. A relação entre elas é indissociável.

A fala, apesar das diferenças individuais e culturais, articula harmoniosamente os fonemas (unidades linguísticas distintivas mínimas) de determinadas línguas. Cada língua possui um número limitado de fonemas (vogais e consoantes), é através da articulação desses fonemas que se dá a fala. Quando visualizamos a leitura em si, não se pode pensar em fala sem prosódia, isto é, sem entonação, acentuação e ritmo, e essas habilidades é que permitem uma leitura sem embaraço, sem dificuldades em relação ao texto - o que podemos caracterizar como fluência na leitura; e é no processo de alfabetização que se faz necessário uma boa interação entre esses elementos para que se possa garantir que a leitura seja fluente.

Na alfabetização, *“a fluência depende de ler reconhecendo mais rápido as palavras e automatizar algumas estruturas (de frases, de textos), para que não haja atropelos no ato de ler. Assim, quanto maior for à familiaridade de uma criança com determinado gênero textual, e quanto mais cedo ela puder deixar de se preocupar com a decodificação, para pensar no sentido do que lê, maior sua possibilidade de desenvolver fluência de leitura”* (Glossário CEALE).

Dessa forma, a criança que ainda está presa à decifração dificilmente consegue entender o que aborda o texto lido, pois não utiliza as estratégias mais adequadas para a compreensão, e por isso é preciso pensar em estratégias que se possa desenvolver a fluência leitora, uma vez que, esta é a ponte que liga a capacidade de ler com a capacidade de compreender. E, em se tratando de ensino remoto, oralidade e fala foi que pensamos em ter como grande aliada do trabalho com fluência foi a leitura em voz alta, em casa os alunos podem ler para os pais, irmãos, avós ou responsáveis e a gravação de áudios e vídeos, o que permite ao aluno se preparar para ler, ensaiar, compreender para comunicar e expressar a outros um sentido. Ler para outras pessoas requer habilidade, concentração e expressividade, ou seja, envolve entonação, ritmo e ênfase. Para Goodman (1986), *“a leitura veloz está associada a uma alta compreensão”*. Trabalhar fluência leitora é o desafio em qualquer modalidade, e no ensino remoto do ponto de vista imediato, isto não seria possível na visão de

muitos colegas professores, a proposta didática é ampliar a experiência dos alunos com os textos e colaborar na compreensão do que se lê, ajudando-os a compreender o texto.

3.3 Desenvolvendo a fluência leitora no Ensino Remoto

A leitura hoje é mais que um processo individual - é uma prática social, haja vista que existem diferentes práticas de leitura, as quais realizamos em diferentes espaços sociais, de acordo com a necessidade de cada um. Assim, é preciso possibilitar ao aluno a oportunidade de aprender e ajustar os procedimentos de leitura de acordo com as finalidades colocadas.

Na intenção de formar leitores proficientes, é preciso ter clareza de alguns aspectos e comportamentos relacionados às práticas de leitura a serem adquiridas pelos alunos iniciantes deste processo, as quais estão intimamente ligadas ao professor, estas se iniciam no processo de planejamento, antecipado das didáticas a serem trabalhadas, dos critérios de escolha, da orientação e intervenção pedagógica, desde a discussão de dúvidas surgidas durante a leitura, buscando esclarecimentos — estas essencialmente relacionadas à construção e desenvolvimento de valores com à prática de ler, o que possibilita aos alunos a constituição e desenvolvimento de critérios pessoais de apreciação da leitura.

Frente à importância deste trabalho relacionado ao ato de ler BAKHTIN (1998) nos diz que,

“Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está, sempre, carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. (BAKHTIN, 1998, p. 95).

Pelo exposto, vemos que a fala/palavra do outro - qualquer que seja - está sempre imbuída de valores, de intenções apreciações/impressões pessoais — explicitados ou não — sobre os fatos vivenciados, acontecimentos e atitudes das pessoas na vida cotidiana. Por isso é tão importante que o aluno compreenda que a leitura está intrínseca na sua vida não só dentro da escola, mas principalmente fora dela – em todos os espaços; pois quanto mais se ler, maior será o contato com opiniões diferentes, que dialogam entre si.

Dessa forma, à escola cabe, a princípio, reconhecer quais as práticas de leitura são fundamentais, reconhecendo a dimensão individual e social dessa prática. Quais sejam: comportamentos leitores, procedimentos e capacidades de leitura; pois além de incentivar o aluno a ler, (seja em que meios for) é preciso trabalhar sistematicamente durante o processo de alfabetização, alguns aspectos como:

- Relações grafofônicas em palavras, especialmente em palavras com maior número de sílabas;

- Leitura de palavras com sílabas não canônicas;
- Com grafemas cujo valor varia de acordo com a posição na palavra;
- Rerler várias vezes o mesmo texto, explicitando algumas palavras do texto (as mais difíceis, desconhecidas).
- Leitura de poesias, trovas, quadrinhas, letras de música, cantigas, parlendas, trava-línguas etc. O professor seleciona os textos e promove a leitura em voz alta pelos alunos;
- Leitura dramatizada, leitura coletiva, leituras repetidas;
- Telejornal, programa de rádio ou jornal falado; Jogral;
- Gravação da leitura dos alunos no whatsapp;
- Leitura do professor - Modelo de leitura fluente.

E isso tendo como base três componentes indispensáveis:

- Precisão: capacidade de reconhecer as palavras rapidamente – decodificar;
- Automatismo: envolve a capacidade de velocidade, ausência de esforço, autonomia e ausência de atenção consciente;
- Leitura expressiva/Prosódia: capacidade de ler com entonação, ritmo e pausas adequadas.

Sabemos, portanto, que todo o exposto aqui é imprescindível para o desenvolvimento do trabalho, no entanto, nada disso é suficiente, também é preciso o compromisso efetivo de todos os envolvidos direta (comunidade escolar) ou indiretamente (família) com a formação do leitor proficiente.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho têm como foco relatar que é possível desenvolver um trabalho com “Oralidade e Fluência leitora na prática”, mesmo com muitos colegas achando que é uma proposta inexecutável, no processo de alfabetização nesse período de pandemia com o ensino remoto, onde os recursos são muito limitados na realidade local desta pesquisa, a qual se deu num grupo reflexivo alfabetizador – seis professores de 1º ao 3º anos de uma escola pública no Município de Araruna/PB, assim como, a sua mediação e utilização de escassos recursos audiovisuais, e outros recursos facilitadores para o ensino e prática de oralidade, leitura e conseqüentemente escrita.

Para realizar este processo didático, fez-se uso de pesquisas, de sequências didáticas sugeridas pela coordenação (que não cabe aqui especificar), contação de história e outras ações:

- Aulas onlines e vídeo-aulas;
- Rodas de conversas com as famílias em seus lares (pais e alunos);
- Gravação da leitura dos alunos no whatsapp;
- Leitura de textos que possibilitem a repetição de algumas palavras, permitindo aos alunos uma maior velocidade na leitura;
- Recitação, leitura dramatizada e gravada em vídeos;
- Atividades orais com regras de brincadeiras e jogos;
- Atividades com palavras intrometidas, de descobrir palavras dentro de palavras e de reconhecer as palavras rapidamente – decodificar;
- Ler a mesma frase com diferentes pontuações; com diferente entonação e expressividade, mudando a posição dos elementos, e do ritmo na leitura.

Assim, as metodologias foram variadas, de acordo com a criatividade do professor e disponibilidade de recursos e realidade de cada turma envolvida, possibilitando um trabalho prazeroso e significativo. Durante o desenvolvimento, percebeu-se o engajamento e empenho dos alunos na realização de todas as atividades propostas, o relato dos pais foi positivo, pois estes participaram de forma ativa durante todo o percurso, enviaram vídeos para os professores e de acordo com a fala e relatos dos próprios pais e professores em encontros virtuais, os alunos evoluíram bastante na leitura, em relação ao período anterior em que não houve foco na oralidade e fluência de leitura. Com isso, vemos que pra se testar algo é necessário apenas empenho, dedicação, criatividade e querer fazer. Então, apesar dos poucos recursos e do momento difícil que é alfabetizar no ensino remoto, a ação do professor mediador é de suma importância para concretização de qualquer resultado, seja ele positivo ou negativo, e neste caso, foi extremamente satisfatório.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa buscou subsídios para reflexões acerca da prática pedagógica do professor alfabetizador, diante das dificuldades impostas pela pandemia do COVID-19 no processo de alfabetização de forma remota, junto ao grupo de professores que atuam em turmas de 1º ao 3º anos do Ensino fundamental numa escola pública Municipal. Considerando os objetivos apresentados nesse estudo, procuramos nos deter as possibilidades

para melhorar o processo de alfabetização partindo das habilidades tangentes ao ensino sobre Oralidade e Fluência de leitura como uma das aprendizagens prioritárias para progressão e consolidação do processo de alfabetização, onde pudemos contemplar através da fala dos docentes uma ação pedagógica reflexiva e comprometida com os saberes de seus alunos.

Em sua obra, *Pedagogia da Autonomia*, edição 57ª FREIRE (2018, p. 40) nos afirma que para o professor em permanente formação, o momento fundamental em sua experiência é o da *“reflexão crítica sobre a própria prática; É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”*. Assim, cabe ao professor alfabetizador aprimorar cada vez mais seu trabalho cotidiano, a partir da reflexão do que já tem realizado e do que pode ser melhorado/aprimorado, e isto foi o que permeou toda essa labuta.

Este trabalho nos permitiu entender como a oralidade, a fala e a fluência se complementam no sentido de contribuir para ampliação das capacidades expressivas de forma mais intensa, de modo a garantir uma significativa aprendizagem para consolidação das habilidades necessárias às competências leitoras e conseqüentemente a progressão do conhecimento das práticas de linguagem, aprendizagem e seus usos em nosso meio social. Chegamos a conclusão que as estratégias usadas e a mediação pedagógica do professor para consolidação adequada do processo de alfabetização é extremamente relevante na vida de uma criança, pois define a qualidade desta aprendizagem, o que é determinante para a atuação futura deste indivíduo no contexto social e cultural. Portanto, não basta aprender a falar, se expressar, ler e escrever, é preciso muito mais, é necessário se fazer entender, interpretar e gerar opiniões.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. - Volochinov, V. N. - *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo/SP: Hucitec; 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica – BNCC - Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.

_____, Decreto Legislativo Nº 6, de 2020. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/dlg6-2020.htm> Acesso em: 20 abril/2020.

_____, Parecer CNE/CP nº 5/2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>> Acesso em 05 de maio de 2020.

_____, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2020-pdf/167141-rcp002-20/file>> Acesso em: 18 Jan.2021

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. Por Uma Pedagogia da Pergunta. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire – 57ª ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIL, A.C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 2008 6ª Edição .(conferir)

GOODMAN, Kenneth S. NH: Heinemann, 1986. PDF disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/136/a-importancia-da-leitura-em-sala-de-aula-para-a-fluencia-leitora>> Acesso em 27/06/2021.

GLOSSÁRIO CEALE, disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>> Acesso em: 20 de junho de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização – 10ª Edição – 2ª reimpressão. São Paulo: Cortez; 2010.

_____, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 133 p. ISBN 8524907711

SITE, <https://novaescola.org.br/conteudo/136/a-importancia-da-leitura-em-sala-de-aula-para-a-fluencia-leitora>>. Acesso em 27/06/2021.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento /Magda Soares – 7. Ed, 1ª reimpressão. –São Paulo: Contexto 2017. 192 p.